

A REGENERAÇÃO

Semanario defensor dos interesses dos concelhos do norte do distrito de Leiria

Composição e impressão na

Typ. Figueirense—Figueiró dos Vinhos

Chefe da Redacção:— Armando S. C. Encarnação

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueirense

FIGUEIRO DOS VINHOS

O Império Português

Nunca é demais pôr em destaque a nova viagem do Chefe do Estado aos nossos domínios ultramarinos. O facto representa mais do que a afirmação da nossa soberania nos vastos domínios coloniais que nos dão a categoria de terceira potência ultramarina, porque é também a demonstração da vitalidade do País, tanto sob o aspecto económico como político. Evidentemente uma é a consequência da outra. Mas precisamente por ambas não devemos fechar os olhos nem tapar os ouvidos às determinantes e às consequências das duas viagens do sr. Presidente da República. Sem a reconstrução económica da nação, sem a reconquista da sua posição de potência colonial o Chefe do Estado não teria ambiente para a realização da sua alta missão. O mundo não nos acreditaria, não acreditaria na unidade de que Portugal hoje se orgulha. A obra realizada foi de tal ordem que Portugal venceu o cepticismo de uns e a má vontade de outros.

E além disso teve força —

a força moral — para se impôr ao respeito do mundo.

Desnecessário se torna pôr em evidência, o significado desta viagem do Chefe do Estado a Moçambique. Temos ainda presente o que foi a apoteose da sua viagem o ano passado a Angola. Todos sabemos o que ela representou para a unidade do Império Português, ninguém ainda esqueceu a emoção com que os portugueses das colónias receberam o abraço dos seus irmãos da Metrópole. Não vai ser menor desta vez a emoção de quantos em terras da província de Moçambique trabalham e honram o nome da Mãe-Pátria.

O Sr. General Carmona é o enviado da Nação. Como tal vai levar o abraço de todos nós aos nossos irmãos de Moçambique e vai conquistar-lhes o coração como já conquistou a sua simpatia pela maneira notável, verdadeiramente excepcional como tem desempenhado o mais alto cargo da Nação.

A. B.

O dia de S. João

É hoje o dia do nosso feriado municipal.

Como nos anos anteriores, faz-se a festa religiosa da 1.ª comunhão às crianças, sendo-lhes servido o jantar ao ar livre, junto à Avenida Padre Diogo de Vasconcelos, a que é costume assistir muito povo para observar a alegria e boa disposição dos inocentinhos que pela primeira vez se chegaram à mesa da sagrada eucaristia.

É uma festa de todo simpática, mas este ano, devido a dificuldades de vária natureza, resume-se àquela cerimónia.

Não há arraial e, por isso, os rapazes e raparigas habituados a folgar, fazendo os tradicionais coros em cânticos fervorosos ao Santo Popular, não têm este ano o ensejo de se divertir. Para o ano que vêm será melhor. Valha-nos a esperança.

Nossa Senhora da Saúde

Nos dias 17, 18 e 19 do corrente realizaram-se em Fontão Fundeiro, freguesia de Campelo, os pomposos festejos em honra de N.ª Sr.ª da Saúde, que, como nos anos anteriores, foram bastante concorridos.

Aquela povoação aluaramromeiros de toda a freguesia.

Como nem toda a satisfação é completa, deu-se naquela ocasião uma ocorrência que desgostou todos. Na noite de 17 para 18 uns mal intencionados, que ainda se não descobriram, assaltaram a capela e apossaram-se de muitas coisas que encontraram e entre elas os paramentos que haviam de servir para os celebrantes na festa. É um atrevimento inqualificável e que deve ser punido.

Nossa foi a Restauração Factos & Noticias

A celebração de 1640 não é contra ninguém. É apenas mais uma afirmação de Portugal. Afirmação da vontade deliberada de existir por si. O que fez com Afonso Henriques; com o Mestre de Aviz; o que veio a fazer com o Duque de Bragança... O que fará sempre, se for preciso. Um «Sim» consciente, diante da vida. Portugal está presente; seu lugar tem mil anos, na Civilização. Ele está a postor, no seu lugar. Nada mais.

A celebração das festas de orgulho é tónica. É a gratificação moral da memória. Fomos assim, devemos ser assim, se houver mister. Nossos mortos não morreram, vivem em nós, acordados na hora do perigo. Que sejam, pois, louvados na hora da glória, pela comemoração.

Portugal, porém, não esquece. E na hora em que vai ser alegre pela festa ao seu passado, recorda-se que outro país não pode faltar. É o Brasil. E a festa nacional tem um tocante prolongamento: convidasse o Brasil.

Em 1580 eramos um só, o mesmo. Sofremos juntos sessenta anos. Depois de 1640, continuámos cá e lá, a sofrer, um pensando no outro, um ajudando o outro, para a redenção definitiva. Quando se exalta em Lisboa D. João IV, imediatamente é proclamado nosso rei no Brasil e o Rio de Janeiro, como Lisboa e Porto, tem as honrarias, as mesmas, de lealdade.

Que importa que viesse a independência? A maioridade é fatal, cumprido o tempo, aos homens, como às nações. Chega o dia em que o filho mais amoroso, a filha mais obediente, põem casa, novo lar, a vida que se prolonga...; mas, bem nascidos, os povos continuam os mesmos, na autonomia, na soberania, na independência, sem por isso abolir a história, a fé, a língua, as tradições, o sangue, a identidade. Brasil é e será sempre Portugal. De 1580 a 1640 não eramos apenas um; sofremos juntos a mes-

Viagem Presidencial

Como já é do conhecimento público o sr. Presidente da República, saiu no passado sábado para a sua viagem a Moçambique.

Esta viagem é mais um grande triunfo que a política do Estado Novo, da Presidência de Salazar, leva a efeito.

Não precisamos de exaltar o valor e significado desta viagem, principalmente nesta hora de perturbação internacional. Ela está bem patente no espírito de todos os portugueses.

Projectos

A Comissão Administrativa enviou às instâncias competentes os projectos da estrada e ponte de Campelo e do empedramento da Estrada das Chãs ao Casal dos Ferreiros das Bairradas.

Também mandou fazer o projecto da continuação da Estrada Municipal das Fragas de S. Simão.

Paços do Concelho

Trabalha-se activamente na construção dos Paços do Concelho.

Escola Secundária

Acompanhados do seu Director sr. dr. Sérgio dos Reis, seguiram no próximo passado dia 20 para Coimbra onde vão fazer exame no Liceu D. João III os alunos da Escola Secundária da nossa Câmara. Que sejam felizes.

Ponte de Chimpeles

Já se encontra concluída a ponte de Chimpeles, obra importante e cuja falta bastante se fazia sentir.

Ponte de Arega

Está em construção a ponte de Arega em cimento armado.

Esta obra depois de feita, fica uma das mais importantes desta região.

ma aflicção; justo é que, na celebração da alegria restaurada, o regosijo seja recíproco. Por isso é o Brasil convidado à festa de Portugal. Por isso, não pode faltar. Não é delicadeza, convite e aceitação. É dever. Não era lícito Portugal nos esquecesse. Não é possível que o Brasil não compareça. A fes-

Dr. Simões Barreiros

Do norte, onde demorou alguns dias, regressou com sua ex.ª esposa o nosso director sr. dr. Simões Barreiros, ilustre presidente da Câmara e procurador à Câmara Corporativa.

Concurso

Continuamos a receber sugestões, pelo que esta semana nos abstermos ainda de publicar qual a preferida. Este concurso está já despertando certo interesse entre os nossos leitores, pois não cessam de nos perguntar quando é que se entra em plena realização.

Como estamos na moda dos concursos, não admiramos a curiosidade e esperamos que para o número seguinte possamos já elucidar os nossos estimados leitores da maneira como poderão adquirir qualquer dos prémios.

Exames

Começam no dia 1 do próximo mês de Julho os exames de ensino primário elementar em todo o país.

Este ano no nosso concelho, há bastantes alunos propostos para exame o que honra sobremaneira a prestimosa classe do professorado que mostra ter posto todo o seu interesse na preparação da repatriada para as provas que têm de prestar.

Para exames do 2.º grau, que hão-de começar no dia 15 daquele mesmo mês, também já há muitos alunos propostos. Chegam as horas das cólicas para uns e outros.

Ponte do Bairrão

Anda em construção a Ponte do Bairrão. É também uma obra importante para os povos interessados.

Mercado do Peixe

A nossa Câmara pensa dentro em breve começar os trabalhos do Mercado de Peixe.

Estrada de Arega

Por ter ficado deserto o concurso, a Câmara resolveu fazer a estrada por administração directa.

ta é comum: é a nossa restauração.

Estas palavras de confiança, que escrevo porque m'as pedem amizade e gentileza, são para dizer aos nossos compatriotas de além-mar, que já estou aqui, onde os espero...

(Da Revista dos Centenários)

Afranio Peixoto

AO DOMINGO

Velha tradição

Hábito já bem antigo, bem tradicional, os folguédos dos animados S. João e S. Pedro caem bem na índole do nosso povo que, nessas noites, esquecendo-se de tristezas e paixões, se lança — gente moça e gente de idade — a saltar as fogueiras e depois à sua volta e temos nós uma roda popular, uma dança como lhe chamam, agora a válvula de segurança dum povo que acaba de explodir.

Pulando as e saltando-as mais uma vez, as fogueiras representam para eles uma crença, constituem uma velha tradição e naquela noite de 23 para 24 os mestres da vida (mas não sábios) — os velhos — ensinam aos novos o significado desta noite que em todo o Portugal se realiza com o mesmo brilhantismo de sempre e com o mesmo respeito pela festa. Interessante é frisar que os novos, sempre pioneiros na transmissão da tradição, como que servindo de fortes elos entre as gerações, são bastante entusiastas pelos folguédos desta altura. São a alegria dos bailaricos e as moçoilas dos nossos campos floridos as rosas que com as suas cantigas, sempre lindas mas sempre populares, enebriam os presentes, atraem outros e de vez em quando lá arrebata um rapaz... para uma vida inteira. A nota mais popular destes folguédos de S. João e S. Pedro é, sem dúvida, a troca de cantigas entre rapazes e raparigas que às vezes passam horas e horas cantando ao desafio. Noites únicas no ano, noites de alegria, noites de tradição. A noite de S. João é, principalmente, para o povo uma festa; novo e nova, velho e velha, crianças, todos se divertem.

E' significativa esta festa. Ela é para os que trabalham uma recompensa, do suor que pingou, do seu cansaço de sempre. Bela noite! S. João vem, nesta altura, proporcionar principalmente aos que mourejam, um pouco de alegria, de diversão. Bem haja, pois.

Sob a designação de fogueiras compreendia-se uma fogueira que ao cerrar da noite se fazia e se saltava. Quem não saltaria uma fogueira!... Quando a libareda atinge grande altura então é que se salta e é ver as raparigas e rapazes e até os velhos, ganhando o balanço necessário, pular as fogueiras que então ardem vivamente. Por exemplo, aqui em Coimbra, a palavra "fogueira" não quer dizer, na realidade, uma fogueira como a das nossas aldeias, mas antes

Pagamento de assinaturas

Foram pagas na nossa redacção as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

- José Joaquim Ferreira, Lameirão
- João Tavares, Alge
- Ambrósio Carvalho de Abreu, Aguda
- Cesário Francisco, Castanheira
- Cretano Henriques, Sarzedas de S. Pedro
- Adelino José Lopes, Aguda
- António Lopes, Castanheira de Arega
- Abílio Lopes, Alge
- José da Silva Novo, Alge
- José Simões Costa, Fontão Fundeio
- José da Silva Coelho Júnior, Aldeia da Cruz
- Izidro Domingos Branco, Trespostos.
- Augusto Lopes da Rocha, Rascoia
- Augusto Gomes da Costa, Lisboa
- António da Silva, Aldeia Fundeira
- Carlos da Silva Feitor, Beira — Africa Oriental
- Joaquim Simões, Campelo
- José Mendes David, Lisboa
- António Simões, Trespostos

simbolisa aquilo a que aqui se chama «pavilhão». A palavra é sinónimo de baile. Rapazes e raparigas dançam animadamente ao som dum flauta que percorre os lábios dum sábio aldeão.

Agora um, afinando a garganta, solta uma cantiga a que as raparigas respondem.

Uma, de voz bem timbrada e com geito para a rima, faz rir com as respostas. Há duelo de quadras. A "música" toca; os pares rodam animadamente e os presentes, de olhos fitos, notam um namoro, notam os pares, etc..., etc... julgam o bailarico.

A' meia-noite um lindo balão a cores sobe; toda a gente olhando o balão, suspensa da vida como ele, pensa na festa e no S. João. Muitos, conversando consigo próprios, dizem: «quem será vivo de hoje a um ano?». A roda continua, os acordes da "flauta" excitam os pares, as raparigas cantam mas já roufenhas e a festa termina alta manhã. São horas, de facto, de ir descansar, mas... mas uma rapariga mais animada e mais entusiasta põde mais uma roda, mais uma voltinha.

As outras não dizem que não e aí temos mais baile por uma hora, hora que foi filha dum volta!!!...

As raparigas e rapazes já têm calos de tanto dançar e estão roucos de tanto cantar. E' um verdadeiro delírio nessa noite. Noite de

AGUA MOLE

Bondade

Aos que não têm família, ou porque não a constituíram ou porque a perderam, se dirige o autor de *La Science du Bonheur* dizendo que recorram, para suprir essa falta, ao boníssimo sentimento que se denomina Amizade.

"Podemos sempre dedicar-nos a outrem, escreve elle, amar outrem, e com tanto mais êxito quanto é certo que tal sentimento nos engrandece moralmente. A dedicação a outrem melhora-nos sempre. A consciência enobrece-nos dirigindo nossas aspirações em benefício de outrem."

Excelente doutrina, que os diários de circulação grandiosa não propagam. Mas será, porventura, a melhor, essa doutrina?

Não o cremos. Superior ao sentimento que se denomina Amizade, ainda que nela entre seu tanto ou quanto de amor com A minusculo, consideramos nós esse outro mais forte, mais luminoso, mais em harmonia com os nossos destinos e tendências: o Amor com A maiúsculo — impulso da alma que nos dirige para a grande massa dos que sofrem, grandes ou pequenos, seres humanos ou não humanos que dos bons tudo esperam e a quem afinal pouco ou nada chega de consolador, de amparador ou de refrigerante.

E porquê? Principalmente porque no mundo o que m nos há é Bondade firme, exacta, verdadeira.

A sociedade fabrica para seu uso uma pseudo-bondade a que pouco falta para ser uma ridícula maldade.

E' dessa que os infelizes pouco alcançam, parecendo portanto que é mais urgente ser bondoso sem mescla, sem hipocrisia, sem contrafacção, que ir em socorro dos infelizes pela forma que vão os tais aludidos ou misticadores que dão um por cada cem que recebem, e querem que os beneficiados lhes fiquem ainda em favor.

Essa bondade é a das *festas de caridade*, exaltadas quando não promovidas pelos tais diários de circulação avantajada. Associar-se a gente a elas é mostrar que não se é caridoso...

Luiz Leitão

S. João!... Quem ficará em casa?! Ninguém. Leitor, amigo meu, não fiques em casa, vai saltar a fogueira e dar meia duzia de voltas ao pavilhão nessa noite de 23 para 24 do corrente... e servirás de ligação do hontem, do passado, para o amanhã, o futuro.

Coimbra - VI - 939.

Rui Paiva

A CESAR O QUE É DE CESAR

Quando em muitos países os perigos dum estatismo absorvente poem em grave risco toda a marcha da vida económica nacional e causam aos povos apreensões das mais justificadas, em Portugal a organização corporativa consolida-se em bases que correspondendo ao corporativismo de associação e não ao do Estado são a mais segura garantia de que jámais este terá na vida económica uma intervenção que, por exagerada, seria profundamente prejudicial.

De resto, logo ao serem criados os primeiros organismos de disciplina económica no regime em tão feliz hora implantado por Salazar duas características bem essenciais ficaram a assinalar a actuação do Governo:

1.º Não se instituam organismos puramente burocráticos, mas sim instrumentos de trabalho, tutelados é certo pelo Estado mas tendentes a obter a propria direcção da economia.

2.º — A organização desta cultura fazia-se tanto quanto possível à volta dos produtos e em sentido vertical afirmando a solidariedade da produção, da transformação e do comércio.

Assim sendo, no recente decreto a que pode chamar-se com propriedade, aliás como já o vimos cognominar o fecho da evolução da orgânica corporativa do País, mais uma vez se declara e afirma solenemente: «O Estado só não larga de mão aquelas funções que são da sua estrita competência, visto caber-lhe o papel de interprete supremo do interesse Geral.»

Tanto, é igual a dizer que se acabou com a anarquia que durante não pouco tempo caracterizou toda a nossa vida económica, não se caiu, porém, no erro bastante detestável de remediar um mal com outro mal se não maior pelo menos idêntico.

Não!

Em Portugal, na organização corporativa portuguesa, o Estado tem apenas o papel de disciplinados, de fiscalizador, que lhe cumpre para bem poder servir a Nação, em todas as suas manifestações na sua máxima projecção moral e material.

Nunca como aqui, coube tão bem a velha máxima do Evangelho: «A Cesar o que é de Cesar, a Deus o que de Deus é».

Em verdade, a economia privada, a iniciativa particular têm no Estado Novo Português um papel e uma função do maior préstimo. Todavia o Estado não se despoja da sua função orientadora, tal qual como a Nação não pode alhear-se dos interesses dos seus filhos.

E a prova de que assim é patenteia-se bem no facto de a nossa organização corporativa abranger não só o campo da economia representada nos seus mais variados aspectos, como estender-se também às associações morais e culturais.

Por isso e com razão se afirma no decreto a que nos vimos referindo:

«Queremos reintegrar a unidade nacional no plano da Corporação.

A Corporação baluarte de todos os interesses vitais da Nação; a Corporação reducto de todas as aspirações justas; a Corporação síntese luminosa dum presente magnifico, esperança regular dum futuro radioso que olha horrorizada o esqueleto monstruoso dum crime sem nome: a luta de classe em que durante anos e anos gastamos energias, consumimos ideias e todos vivemos na ansia demoniaca de explorar o próximo, de fazer com que a nosso lado trabalhe o pior mal possível.

S.

ANA MARIA

CONTO

por Rafael Trindade

VI

Fechei os olhos, reclinei a cabeça e deixei-me ficar para ali, sem pensar em nada, até que senti o contacto quente dum corpo a anichar-se nos meus braços e o ciciar de palavras mágicas de estranho encanto.

De novo a meu lado estava a Ana Maria caixa elegante do «Moda Parisiense».

Senti todo o seu corpo amoldar-se ao meu e o seu hábito ferir-me as faces.

Demos um beijo prolongado que nos incendiou a alma; depois outro que nos empurrou para o abismo e um terceiro que nos teria precipitado se ela se não tivesse levanta-

do para se ir estender no quarto onde pouco depois, quando passava, a cuvi chorar.

Na manhã seguinte, a Joaquina veio trazer-me a correspondência e disse-me que a Ana Maria havia saído muito cedo. Estranhei o facto, mas compreendi o.

Rasguei um envelope e li as três folhas — escritas pelo punho do meu pai — repletas de frases em que energeticamente me mostrava os inconvenientes dum ligação que haviam pintado com as mais berchantes cores.

Revoltei-me contra o informador anónimo e contra meu pai. E, es-

sa revolta, exprimi-a numa carta, agitada e febril.

Quando acabei, já mais calmo, reli-a e duvidei do que escrevera. Assim, dizia que amava a Ana Maria.

Amá-la-ja na verdade? Há quatro anos, sim; há um apetecia o seu corpo; agora a que aspirava eu? O que ambicionava, era qualquer coisa de indefenido e que não sabia explicar.

Abandonei a carta na secretária e rasguei outro envelope. Era uma carta do meu enhado em que lacónicamente me informava que minha irmã estava em perigo de vida.

Minha irmã, a minha bô! Rosalina! Ah! não nos houvesse o destino separado e ela teria feito de mim um outro homem!

Vesti-me apressado e ia sair quando a Joaquina me perguntou se não almoçava.

— Não, não posso — disse eu —. Vou sair. Minha irmã está muito doente. A Anita já veio?

— Ainda não, senhor. Telefonou dizendo que almoçava com uma amiga. Que desculpasse. Compreendi também.

Sai, tomei um taxi e dirigi-me à estação.

Quando ia a entrar na gare, senti uma leve pressão no braço. Voltei-me, era ela.

Um véu de tristeza nublava-lhe o olhar e os seus lábios entreabriram-se para expelir sorrisos dolorosos vindos da alma.

— Que faz por aqui?

— Vim vê-lo. Soube que ia sair...

— Por quem?

— Pela Joaquina.

— E a sua amiga... com quem disse que almoçava?

Calou-se.

Afastado de nós alguns passos, estava um homem que nos olhava

fixamente e que eu conhecia não me lembrava donde.

Quando a locomotiva silvou e o comboio se pôs em marcha, muito devagarinho, agarrou-se a mim num beijo de despedida seco e escaldante. Chorando, seguiu à minha beira durante algum tempo sem poder articular palavra, como eu.

Depois, já distante, gritou-me:

— Adeus, não me esqueça nunca, Luiz!

Na janela a seguir à minha uma «coccotte» sorria maliciosa.

Já ia longe. Ela ficara para trás acenando com a sua mãozinha adelgada.

Mas, pensei, o que queria dizer com aquelas palavras; «não me esqueça nunca»?

(Continua)

Ministério das Colónias

Direcção Geral de Administração Política e Civil

Repartição dos Negócios Políticos e de Administração Civil

Serviços de passagens de colonos para as Colónias de Africa

(Absolutamente gratuito)

Documentos necessários:

a) Requerimento, em papel selado, assinado pelo interessado, ou não sabendo este escrever, assinado a rogo na presença de duas testemunhas, nos termos legais, com todas as assinaturas reconhecidas por notário, e redigido nos seguintes termos:

Senhor Ministro das Colónias
Excelexia:

F... (idade, estado, naturalidade, profissão e residência), tendo colocação em... na colónia de... e não possuindo meios para pagar a respectiva passagem, requere a V. Ex.a que se digue conceder-lha, como colono, para o porto de... em... de... de 19...

(Assinatura, ou assinaturas, reconhecidas por notário).

No caso de o colono desejar levar consigo pessoas de família, deverá acrescentar ao requerimento, logo a seguir ao porto de destino, o seguinte:

...acompanhado de... (idades, estados, nacionalidades e profissões discriminados).

Se o interessado for de menor idade, o requerimento deve ser feito e assinado pelo pai ou quem legalmente o represente.

b) Três fotografias (formato para bilhete de identidade).

c) Certidão de idade.

d) Certificado do registo criminal e policial, quando tenha mais de 16 anos de idade (artigo 94.º e 181.º do decreto de 27 de Maio de 1911).

e) Autorização da autoridade militar para ausentar-se para a Colónia, quando tenha mais de 14 anos de idade e menos de 48, comprovando também ou o pagamento das anuidades da taxa militar (liquidação total), nos termos do decreto n.º 17.895, de 2 de Dezembro de 1929, ou que a ela não está sujeito, conforme o caso.

f) Certidão de casamento e autorização do marido, quando se trate de mulher casada.

g) Certidão de divórcio ou de óbito do marido, quando se trate, respectivamente, de mulher divorciada ou viúva.

h) Autorização do pai ou quem legalmente o represente, quando se trate de menor.

i) Autorização do Governador da Colónia (excepto para os menores que forem para a companhia dos pais, e para os colonos do sexo feminino, que forem para junto de pessoas de família).

No caso de a passagem ser para o porto da Beira, deverá ser apresentada a autorização da Companhia de Moçambique.

j) Termo de responsabilidade, em papel selado, assinado por dois comerciantes estabelecidos, e devidamente reconhecido, redigido nos seguintes termos:

Termo de responsabilidade

Perante as testemunhas presentes a este acto, F... (estado, profissão, morada) e F... (estado, profissão, morada), abaixo assinados:

F..., com estabelecimento de..., na rua..., n.º..., em..., e F...,

PFAFF

A rainha das Máquinas de Costura, a melhor e mais silenciosa de todas que se vende em todo o mundo.

Cose, borda, faz ponto zig-zag, caseia e prega botões.

Vende-se a pronto e a prestações em Figueiró dos Vinhos, no estabelecimento de

Irolinda Nunes Curado

FAUSTO SERRANO

Médico cirurgião da Casa do Povo

Residência — CAFÉ CENTRAL

com estabelecimento de... na rua..., n.º..., em..., declaram que F... (nome do colono, ou dos colonos, quando vão acompanhados de pessoas de família) tem colocação na colónia de... responsabilizando-se pelo pagamento de passagem (ou passagens) de regresso à Metrópole, quando se efectue no prazo de dois anos, contando desde a data da sua chegada ao porto de... (destino). A importância desta fiança é de Esc...\$, acrescida de qualquer excesso se porventura houver futuro aumento no preço da passagem (ou passagens).

..., em... de... de 19...

(Assinaturas dos fiadores sobre selos da importância de 5\$00, acrescida de 0,75\$ sobre o valor da fiança. Assinaturas das testemunhas. Todas as assinaturas devem ser reconhecidas por notário, e no documento ser apostos os carimbos dos estabelecimentos dos fiadores)

Quando o colono se destine à colónia de Angola, a importância da fiança deverá ser a de uma passagem em 3.ª classe, de Lisboa até Mossamedes (Diploma Legislativo n.º 861, de 5 de Dezembro de 1936)

k) Atestado de pobreza.

l) Apresentação, para averbamento, do bilhete de identidade do interessado.

m) Certificado da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado do que na mesma constar acerca do interessado quando seja do sexo masculino e maior de 16 anos.

Os requerimentos devem ser instruídos com toda a documentação exigida, devidamente selada e neles mencionada, sob pena de serem considerados desde logo indeferidos.

Os interessados não têm a pagar qualquer importância pelas passagens de colonos, estando rigorosamente proibidas dádavas ou gratificações pela interferência no andamento dos pedidos, as quais dão origem a procedimento disciplinar e penal, conjuntamente com o imediato indeferimento.

O funcionário da Repartição dos Negócios Políticos e de Administração Civil, encarregado especialmente deste serviço na sala de expediente, todos os dias das 15 às 16 horas, está autorizado a prestar quaisquer informações complementares necessárias aos interessados.

Precisa-se

Casa mobilada com 5 divisões para Agosto e Setembro. Quem pretender alugar dirija-se à Câmara Municipal.

Abílio da Conceição Rodrigues

Advogado

Castanheira de Pera

Em PEDROGÃO GRANDE: todas as segundas-feiras até ao meio dia

Joaquim J. Fernandes

Médico Municipal

Clínica geral

Doenças das crianças

Figueiró dos Vinhos

Banco Espírito Santo

e Comercial de Lisboa

SEDE — LISBOA

Filiais — Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências — Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozedo e Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

CONSULTORIO DENTARIO

A. MARTINS NUNES

DOENÇAS DA BOCA E DENTES — DENTES ARTIFICIAIS

Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia

Praça JOSÉ MALHOA Figueiró dos Vinhos

Fechado temporariamente

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

Vende-se Um prédio composto de lojas e 1.º andar onde se en-

contra instalada uma padaria com o respectivo alvará e licença de laboração, na rua dr. Simões Barreiros, desta vila.

Para tratar com Cunha, Ramos & C.ª — Rua Sargento Mor 14 a 24 — Coimbra.



ANTI-MAGNETICO GARANTIDO CONTRA ACIDENTES



Consertam-se objectos de ouro, prata relógios gramofones etc Preços sem competência

Nova Carreira de Camionetes

ENTRE

Cabaços e Coimbra

Diária (Excepto aos Domingos, dia de Natal, Ano Novo e Terça-feira de Carnaval)

Inaugurada no dia 4 de Outubro de 1937

Horário e itinerário

CABAÇOS	(partida)	6.45	COIMBRA	(Partida)	16.35
Vila Nova	"	6.53	Pereiros	"	16.40
Alvaiázere	"	7.00	Portela do Gato	"	16.50
Barqueiro	"	7.20	Chão de Lamas	"	17.10
Vendas de Maria (Ramal para Maças de D. Maria)	"	7.30	Podentes	"	17.20
Chão de Couce	"	7.40	Boiça	"	17.25
Pontão	"	8.00	Ponte do Espinhal	"	17.30
Tojeira	"	8.08	Venda das Figueiras	"	17.50
Venda das Figueiras	"	8.10	Tojeira	"	17.57
Ponte do Espinhal	"	8.30	Pontão	"	18.10
Boiça	"	8.35	Chão de Couce	"	18.20
Podentes	"	8.40	Vendas de Maria (Ramal para Maças de D. Maria)	"	18.30
Chão de Lamas	"	8.50	Barqueiro	"	18.40
Portela do Gato	"	9.10	Alvaiázere	"	19.05
Pereiros	"	9.15	Vila Nova	"	19.12
COIMBRA	(chegada)	9.30	CABAÇOS	(chegada)	19.20

P. S. - Desde 16 de Maio a 30 de Setembro, sai a carreira de Coimbra, meia hora mais tarde: Esta carreira recebe pela manhã, no Pontão, passageiros que se destinem a Coimbra, vindos de Castanheira de Pera, Pedrogam Grande e Figueiró dos Vinhos, nas carreiras que se destinam a Lisboa

Paragem em Coimbra, na Auto-Garage, (junto à Estação Nova do C. de Ferro) — Telefone 701

Os Proprietários, 24-20

A. J. ALVES & C.ª
Maças de D. Maria

Armazém de Ferro, Aço e Carvão

Ulisses António da Conceição Pombal :: Telefone n.º 7

Completo sortido de ferragens, ferramentas, tintas e louças

Materiais de construção

Artigos sanitários—Tubos de ferro, grês e de fibro-cimento

Agente-depositário de: Cimento LIZ—Produtos LUZALITE—CERAMICA DE TAVEIRO

Cal hidráulica MACIEIRA 24-11 Carmo, desta v.la. Quem pretender dirija-se a esta Redacção.

FARMÁCIA CORRÊA

Especialidades farmacêuticas nacionais e estrangeiras. Aguas minero medicinais.

Esterelisação de pensos, empolas e séros

Produtos especialisados:

Elixir de nucleina composto, Vermifugo e Pomada de salicilato composta

Largo da Praça

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

A' venda na

Relojoaria de

Joaquim Marques Fouto

Praça José Malhõa

Variado e grande mostruário em relógios de parede, bolso, pulso e despertadores

DE PALANQUE

Soneto de Amor

Notícias de Coimbra

Uma página de estatística

Ser português é o justo orgulho dos que tiveram a felicidade de nascer sob este lindo céu de azul inconfundível; mas saber ser português é um trofeu de glória que nenhum outro ser humano sabe igualar e muito menos exceder.

A história dos portugueses é um rosário que ao desfiá-lo, só encontramos a abnegação, o bem, a heroicidade a clemência, numa palavra, todas as virtudes. Se pequenas falhas se notam, é para não desmentir o ditado de que não há rebanho sem ovelhas ranhosas. Se algumas houve, felizmente, foram poucas e facilmente ofuscadas pela esmagadora maioria.

Embora doa à nossa alma a enormidade das baixas sofridas nos que se bateram, em Espanha, em defesa da divina Doutrina. Cristã, consola-nos o que, dos portugueses, disse, um dos mais fulgurantes oradores daquele País, D. José Maria Parnan, poeta e escritor de renome no Mundo científico. O discurso que proferiu no teatro de S. Luiz em homenagem aos «Viriatos» nome bélico porque eram conhecidos os portugueses combatentes em Espanha, fez vibrar o nosso orgulho como expoente máximo da raça latina. Em réptos admiráveis de oratória, fazia delirar a escolhida assistência que constantemente o interrompia com aplausos.

Algumas passagens:—«Gostaria que a minha voz tivesse o rumor do Atlântico para que o mundo inteiro ouvisse as nossas palavras de justiça e gratidão. A nossa amizade é uma amizade que se distingue entre todas. Se outro sangue, sem ser o português, regou os campos de Espanha, o vosso, porém, tem para nós mais certo preço. Foi sangue de irmãos; sangue que ao derramar-se terá humildade de violetas e silêncios de Irio.»

«Chegou a hora, irmãos, de reatar o nosso destino de cumprir a nossa missão histórica». E a findar: «Vós, portugueses, tendes um mito horizontal, o mito de D. Sebastião, esse rei de luar e de sonho; nós os espanhóis, temos um mito vertical a lança dum louco e sonhador D. Quixote. Façamos da espada de D. Sebastião e da lança de D. Quixote a cruz da nossa redenção, do nosso sacrifício para nos libertar e libertarmos o mundo.»

Muito bem dito. De tudo quanto disse nada exagerou o valor do soldado português. Foram e serão sempre assim. Mas amigos, amigos e negócios à parte...

— Desvanecidos, temos lido com atenção, o conceito em que é tido Portugal no grande certame de Nova-Iorque. Não quis alhear se, como aliás de nada se alheia no que diz respeito ao bem da Pátria, desse feito digno de registo, o sr. dr. Oliveira Salazar e enviou pelo rádio uma mensagem como só ele sabe fazer e que termina assim:—«Se, o nosso modesto Pavilhão, cantinho de terra portuguesa na Grande América, na visita, dum navio da nossa armada, internacionalmente escolhido dentre os construídos em Portugal por operários portugueses, na Casa de Portugal em Nova-Iorque agora criada como lar dos portugueses da América, nos derem a impressão de confortante da Pátria presente e desvelada,

Tantos passaram pelo teu caminho
Antes que fôsse a hora de eu passar.
Que tenho a dôr de me não ver sózinho
Na memória fiel do teu olhar.

Nenhum te disse frases de carinho,
Nenhum parou, talvez, para te amar...
E vão perdidas no redemoinho
Da vida e nunca mais hão-de voltar.

Para ti, nenhum foi o mesmo que eu...
—Mas porque a tua vista os abrangeu
Mesmo sem alegria, amor ou fé.

Dêles alguma coisa em ti existe
—Alguma coisa que me deixa triste
Porque não posso adivinhar o que é!...

João de Barros

Pela Biblioteca Erudita Caixas de Previdência das Casas do Povo

Leitura.—O número de pedidos de obras para leitura apresentados durante o mês de Maio foi de 105 o que dá a média de 4. No mesmo mês do ano anterior o movimento da leitura traduziu-se em 87 pedidos de obras para consulta.

Plano Educativo.—No prosseguimento do plano educativo traçado pela Direcção da Biblioteca realizou-se no dia 2 perante os alunos das 1.ª classes do Liceu a 6.ª sessão da MEIA HORA RECREATIVA.

No programa: leitura explicada de poemas de Lopes Vieira destinados às crianças das escolas Aquisições.—Entre as últimas aquisições figura a colecção dos livros do poeta Eugénio de Castro, obras de escritores contemporâneos franceses como Proust; Francis Jammes, Giraudoux etc.

Da Aliança Francesa.—Já foram recebidas revistas e algumas publicações recentes.

Leiria, 5 de Junho de 1939.
O Director
Alfredo de Carvalho

Casas para alugar

É uma falta que se vem sentindo de há tempos para cá. Não têm sido poucas as vezes que várias pessoas nos têm pedido informações a tal respeito.

Temos observado que o nosso meio, ou melhor, os ares desta região, são procurados não só por pessoas convalescentes mas também por outras que desejam repousar da sua labuta anual.

Ora, os senhores capitalistas da nossa terra podiam talvez arranjar um emprêgo regular para os seus capitais, fazendo construir umas pequenas moradas de casas que, suficientemente mobiladas, com o mínimo de conforto, satisfizessem aquelas pessoas, especialmente na quadra do ano em que vamos entrar.

Aí fica o alvitre.

sentir-me-ei feliz, por tôda a nossa política se deduz, o final de fazer que os portugueses sejam em tudo dignos das tradições da sua Pátria e a mostrar-lhes que a Pátria é pelo ressurgimento operado em todos os campos dignos de amor e dedicação de seus filhos»

Para rir:—O meu compadre

CACHULO DA TRINDADE

As Caixas de Previdência dão satisfação ao previsto no art. 5.º do decreto-lei n.º 23:051—ou seja o meio pelo qual se podem realizar obras tendentes a assegurar aos sócios protecção e auxílio nos casos de doença, desemprego, inhabilidade e velhice. É mesmo esta a única forma legal das Casas do Povo poderem bem dar cumprimento àquela disposição da lei.

Ao contrário do que muita gente pensa, as Casas do Povo não podem—nem devem—fazer assistência ou previdência sem ser por intermédio das suas respectivas «Caixas», pois estas são a única forma aperfeiçoada e devidamente controlada que permite levar a efeito tal realização, ou seja o mutualismo nas suas diversas formas.

Para isso se baseiam em cálculos matemáticos e em disposições tais que lhe permitem um futuro desafogado e próspero.

Está claro—e convém frisá-lo nesta altura—, que as Caixas de Previdência não dão apenas regalias aos seus associados. Como em tudo, é necessário semear para colher.

Regam-se por um regulamento especial, aprovado pelo Sub-Secretário de Estado das Corporações, regulamento esse que, para uma melhor eficiência, é uniforme para tôdas, variando apenas as tabelas de cotização.

Nas Caixas de Previdência podem inscrever-se como seus sócios efectivos os que já o sejam na mesma qualidade da Casa do Povo, as mulheres, quer sejam ou não chefes de família, e os menores de 18 anos residentes na área da freguesia.

Os limites de idade para inscrição são dos 14 aos 45 anos. Além desta idade, os que o desejem, podem inscrever-se no Fundo de Assistência anexo à mesma Caixa.

Do livro recentemente publicado Casas do Povo — Caixas de Previdência

Bonifácio é um grande espertalhão. Porquê?

Porque vendeu um burro que tinha por bom preço e ainda conseguiu ficar com a burrice do animal!...

Ulysses Junior

Novo Reitor da Universidade—No dia 19 do corrente pelas 14 horas realizou-se na Sala dos Capêlos a posse do novo Reitor, sr. dr. António Luiz de Moraes Sarmiento e do Vice-Reitor, sr. dr. Maximino José Moraes Correia, ambos distintos professores da Faculdade de Medicina. Presidiu à sessão o sr. dr. Pereira Dias, Director Geral do Ensino Superior e das Belas Artes que representava o sr. Ministro da Educação Nacional. Usaram da palavra os ex. mos srs. professores drs. João Porto Providência e Costa, Mário de Figueiredo, Anselmo Ferraz de Carvalho e Cipriano Diniz, respectivamente Directores das Faculdades de Medicina, Letras, Direito Ciências e da Escola de Farmácia. Usou também da palavra o estudante Melo e Castro que recordou com saudade a obra do Reitor sr. dr. João Duarte de Oliveira afirmando que além de Reitor da Universidade e da Academia personificava o lugar de Pai da Academia. Os empossados por fim agradeceram e foram muito cumprimentados.

Dr. Sanches de Moraes — Uma comissão de alunos da Escola Comercial e Industrial «Brotero» levou a efeito no dia 17 uma sentida homenagem ao professor daquela escola dr. Sanches de Moraes pelo facto de ir abandonar o magistério por atingir o limite de idade.

Tempo—Após uns dias irregulares voltou o bom tempo, registando-se dias calmosos e noites amenas. As cervejarias começaram já a ser bastante frequentadas.

1800 Legionários juram bandeira—A Legião Portuguesa de todo o distrito de Coimbra realizou no dia 18 do corrente festas brilhantes por motivo da benção e juramento de bandeiras, cerimónias que tiveram lugar na Praça da República e a que assistiram milhares de pessoas.

Às 9,30 horas o sr. Bispo Conde realizou a missa campal a qual foi ouvida por 1.800 legionários e por uma numerosa assistência.

Ao Evangelho o conego sr. dr. Trindade Salgueiro proferiu uma alocução patriótica aos legionários.

Às 15 horas os legionários iniciaram o desfile pela Baixa passando em frente da tribuna levantada na Praça 8 de Maio onde além do sr. general Casimiro Teles, comandante geral da L. P.; capitão Corado, comandante distrital da L. P., etc... várias entidades oficiais se encontrava o sr. dr. José Alberto dos Reis, presidente da Assembleia Nacional. Ao anoitecer os nucleos do distrito regressaram às suas terras.

Viva a Académica — No dia 18 do corrente pelas 17,30 horas no Campo de Santa Cruz realizou-se o encontro de futebol entre os teams de honra da Associação Académica e Sporting Club de Portugal, tendo saído vencedora a Académica pelo formidável «score» 5 a 2

No próximo domingo, dia 25 a Associação Académica, a «briosa» irá a Lisboa com o finalista, disputar a «Taça de Portugal» jogando com o Sport Lisboa e Benfica, também apurado para finalista.

Viva a Académica Viva Coimbra!...

Dr. Joaquim Fernandes — Tivemos o prazer de cumprimentar no passado dia 29 de Maio o ex.º sr. dr. Joaquim Fernandes, distinto médico nessa Vila e que em missão de serviço veio a esta Cidade.

A treze curtas anças da gloriosa «Arrancada de Maio», pode e deve dizer-se, sem qualquer sombra de exagero, que o Estado Novo tem penetrado em todos os sectores da actividade Nacional, sempre num sentido eminentemente construtivo, quer introduzindo melhoramentos necessários, quer multiplicando recursos, para extracção de maior ou mais proficuo rendimento, quer ainda acudindo a situações consideradas graves, para restabelecer o equilíbrio, que, porventura ameaçava ruir.

Recordam-se os leitores de que não há muitos tempos, o Governo autorizava uma dotação de cem mil contos à Junta Nacional dos Vinhos, para evitar uma catastrophe económica, produzida por excesso de produção.

Estas considerações vêm a propósito de interessantíssimos dados estatísticos, sobre a actividade renovadora do Estado, desde que Salazar operou o prodígio do ressurgimento financeiro da nação e que o Secretariado da Propaganda Nacional acaba de nos enviar.

Dêsse sugestivo e paciente trabalho, vamos oferecer uma página aos nossos habituais leitores, certos de que despertará o seu maior interesse e legítimo orgulho patriótico. Os números a inserir referem-se a três importantes actividades—Assistência Pública, Saúde Pública e Educação Nacional.

I—Assistência Pública—Foram gastos em 1928-29, 53.920 contos, tendo sido incluída a verba de 78.493 no orçamento de 1939.

II—Saúde Pública—Neste capítulo, regista-se uma diferença para mais de 4.554 contos, relativamente aos dois períodos acima apontados:—3.451 contos dispendidos em 1928-29; e 8.005 respeitantes ao orçamento para 1939.

III—Educação Nacional—Escolas, não incluindo os postos de ensino: 6.557, em 1925-26, 7.890, em 1936-37 total de alunos matriculados: 330.647, em 1925-26; 519.336, em 1936-37. Acentuamos que estas escolas pertencem ao Ensino Primário.

Ensino Secundário.—Em 1925-26, existiam 34 Liceus, com 13.080 alunos matriculados; em 1936-37, 45 Liceus, com 31.505 alunos.

Ensino Técnico, agrícola e comercial—Em 1925-26, 59 escolas, com 14.004 alunos; em 1936-37, apenas 54 escolas, mas com um total de 28.386 alunos.

Ensino artístico — No primeiro período referido, 4 escolas frequentadas por 1.720 alunos, no segundo, 6 escolas, com 5.286 alunos.

Ensino Superior—O número de escolas mantém-se, mas crescendo o total de alunos matriculados: nos 12 respectivos estabelecimentos de ensino, 5 205 em 1925-26; e 7.896 em 1936-37.

No 13.º aniversário da Revolução Nacional é duplamente grato ao nosso espírito de portugueses, meditar, com a maior calma, sobre o significado destes números.

De visita—Vimos nesta Cidade os ex. mos srs. drs. Pupo Correia, Sérgio dos Reis e o sr. dr. Diniz de Carvalho acompanhados de sua ex. ma Esposa e gentil sobrinha mademoiselle Maria Amélia Agria.

Coimbra Junho 1939

Rupacar

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura